

# História da palavra “língua” a partir de publicações na/da Revista Scripta: uma homenagem à Professora Ângela Vaz Leão

Heitor Pereira de Lima\*

## Resumo

Neste estudo, com base nos pressupostos da Análise de Discurso e nas suas relações com a História das Ideias Linguísticas (Orlandi, 2001), propomo-nos analisar o funcionamento da palavra “língua” a partir de publicações na/da Revista Scripta para, então, propor a história dessa palavra no periódico em questão. À vista desse objetivo, realizamos um recorte específico: consultamos o *site* da Revista a fim de localizar todos os textos produzidos por Ângela Vaz Leão, considerando desde a primeira publicação da Revista, realizada no ano de 1997 e organizada pela professora mineira, até a atual, datada de 2022. Nesse movimento, nos arriscamos na difícil e prazerosa tarefa de tecer uma homenagem à Dona Ângela, historiógrafa linguística que tanto (nos) importa aos estudos brasileiros. Nosso enfoque se dá, portanto, sobre a mobilização da palavra “língua” que vai construindo camadas discursivas nas/pelas quais a história dessa palavra no interior da língua vai sendo tecida.

Palavras-chave: língua; Ângela Vaz Leão; Revista Scripta; análise de discurso; história das ideias linguísticas.

---

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Mestre e doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos Palavra, Língua, Discurso (PALLIND), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

# History of the word “language” from publications in/from Revista Scripta: a tribute to Teacher Ângela Vaz Leão

## Abstract

In this study, based on the assumptions of Discourse Analysis and its relations with the History of Linguistic Ideas (Orlandi, 2001), we propose to analyze the functioning of the word “language” based on publications in/of Revista Scripta to, then, propose the history of this word in the journal in question. In view of this objective, we made a specific delimitation: we consulted Revista Scripta’s website in order to locate all the texts produced by Ângela Vaz Leão, considering from the first publication of the journal, carried out in 1997 and organized by the teacher from Minas Gerais, to the current, dated 2022. In this movement, we risked the difficult and pleasurable task of weaving a tribute to Dona Ângela, a linguistic historiographer who is so important to Brazilian studies (and to us). Our focus is, therefore, the mobilization of the word “language” that builds discursive layers in/by which the history of this word within the language is being woven.

Keywords: language; Ângela Vaz Leão; Revista Scripta; discourse analysis; history of linguistic ideas.

Recebido em: 30/04/2023 // Aceito em: 24/08/2023

Um fotógrafo-artista me disse outra vez. Veja que pingo de sol no couro de um lagarto é para nós mais importante do que o sol inteiro no corpo do mar. Falou mais: que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem com barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. (Barros, 2008, p. 95).

## **“Sobre importâncias”: Dona Ângela e a “História de palavras”**

Buscar o que nos importa é um exercício constante. Algumas vezes, existe uma predeterminação, ou seja, sabemos previamente o que nos importa e, portanto, a necessidade de fazer tal busca. Contudo, há movimentos diferentes desse, nos quais aquilo que nos importa é construído por leituras, se dá por relatos que ouvimos, bem como pelas relações teórico-afetuosas que estabelecemos. Um ir e vir que nunca cessa... Começamos este texto pelo desejo de dar destaque à reconhecida produção de Ângela Tonelli Vaz Leão (carinhosamente conhecida como Dona Ângela<sup>1</sup>), deslocando-a para a História das Ideias Linguísticas (Orlandi, 2001) e, nesse movimento, nos arriscamos na difícil e prazerosa tarefa de tecer uma homenagem a essa pesquisadora mineira que tanto (nos) importa aos estudos brasileiros.

Em outras palavras, neste estudo, com base nos pressupostos da Análise de Discurso (AD) e nas suas relações com a História das Ideias Linguísticas (HIL), propomo-nos analisar o funcionamento da palavra *língua*<sup>2</sup> a partir de publicações na/da Revista Scripta<sup>3</sup>

---

1 A partir de agora, iremos nos referir à Ângela Tonelli Vaz Leão como Dona Ângela.

2 Importa assinalar que toda vez que citarmos a palavra *língua*, tomada aqui como objeto de análise, o faremos utilizando a marcação em itálico.

3 Como modo de abreviação, usaremos Revista em substituição à Revista Scripta.

para, então, propor a história dessa palavra no periódico em questão. Com essa finalidade, realizamos um recorte específico: consultamos o *site* da Revista a fim de localizar todos os textos produzidos por Dona Ângela, considerando desde a primeira publicação da Revista, realizada no ano de 1997 e organizada pela professora mineira, até a atual, datada de 2022<sup>4</sup>. Ao todo, selecionamos 12 textos. Após esse levantamento, nosso trabalho consistiu no rastreamento da palavra *língua* presente: i) no título dos textos, ou seja, nos interessou observar a marcação da palavra que assumimos no título de cada publicação, o lugar-primeiro de uma materialidade textual (artigos científicos); ii) no resumo, em Língua Portuguesa que há no início de cada texto e funciona como uma síntese do mesmo. Entendemos que a criação desses critérios foi importante para este estudo, uma vez que o desejo de completude é uma mera ilusão, isto é, fazer seleções é algo imprescindível ao trabalho do analista de discurso. Ressaltamos ainda que, embora para esta reflexão olhamos exclusivamente para os títulos e para os resumos dos textos de Dona Ângela, é impossível não lê-los na íntegra. Recomendamos a leitura!

Posto isso, organizamos nossas reflexões do seguinte modo: na seção que abre este estudo, “Sobre importâncias: Dona Ângela e a História de palavras”, ao nos apropriarmos do título do poema escrito por Manoel de Barros para criar esse intertítulo, apresentamos o desenho teórico-metodológico deste trabalho, recuperamos como se deu nosso encontro com Dona Ângela e ressaltamos o impacto que a obra “História de

---

<sup>4</sup> Durante a escrita deste texto, a publicação atual da Revista Scripta consiste no v. 26, n. 58, de 2022, com o tema “Literatura e outras mídias”, organizada pelos professores Márcia Marques de Moraes (PUC Minas), Márcio de Vasconcelos Serelle (PUC Minas) e Vera Lúcia Follain de Figueiredo (PUC-Rio). Atualmente, a editora gerente da Revista é a professora Raquel Beatriz Junqueira Guimarães (PUC Minas). Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/issue/view/1393>. Acesso em: 1 abr. 2023.

palavras”<sup>5</sup> (Leão, 2013) causa em nós. Na seção seguinte, “Nos importa a Revista Scripta: ‘Vamos aguardar!’”, ao assumirmos o texto de apresentação da primeira edição da Revista, escrito por Dona Ângela, propomos uma reflexão sobre a importância desse periódico enquanto um lugar de constituição, formulação e circulação do conhecimento científico. Em seguida, na seção “Nos importa a ‘língua’ em publicações na/da Revista Scripta: um percurso de importâncias”, ao apresentarmos a construção do nosso *corpus*, realizamos nossas análises ao propor a história da palavra *língua* a partir do periódico em questão. Já na seção “Também importa finalizar...”, nos recobrimos da ilusão de fim ao tecer algumas considerações que, por ora, finalizam este estudo. Além desse caminho, nos “Anexos”, disponibilizamos a capa das 12 edições nas quais somos presenteados com a produção da professora mineira.

Ainda de início, faz-se necessário registrar como aconteceu nosso encontro com Dona Ângela e, respectivamente, seu trabalho, mais precisamente com a obra “História de palavras” (Leão, 2013). Nascida em Formiga (MG), apaixonada pelos livros, formada em Letras Neolatinas pela Universidade de Minas Gerais<sup>6</sup>, em 1949, Dona Ângela foi professora na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria, da então Universidade Católica de Minas Gerais<sup>7</sup>. Nas décadas de 1960 e 1970, ministrou aulas de Francês, Literatura Portuguesa, Língua Portuguesa, Filologia Românica, entre outras, no curso de Letras da Universidade que, à época, era lotado no Palacete Dantas,

---

5 Para este trabalho, por uma questão metodológica, consideraremos a segunda edição da obra “História de palavras” (2013), publicada pela Editora PUC Minas. Entretanto, é essencial a leitura da primeira publicação.

6 Em 1949 houve a federalização da Universidade de Minas Gerais (UMG), mas o nome e a sigla não foram alterados. A alteração (Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG) só ocorreu em 1965. Disponível em: <https://www.ufmg.br/95anos/historiada-ufmg/>. Acesso em: 1 abr. 2023.

7 Em 1983, a Instituição passou a ser Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas. Disponível em: <https://portal.pucminas.br/noponto/materia.php?codigo=1028>. Acesso em: 1 abr. 2023.

região centro-sul da cidade de Belo Horizonte (MG). Além desse trabalho, ela participou da fundação do Programa Regional de Especialização do Pessoal de Ensino Superior (PREPES<sup>8</sup>), em 1974, e atuou na coordenação geral desse Programa – o que traduz a primeira fase de Dona Ângela<sup>9</sup> na PUC Minas.

Numa segunda fase, a professora foi convidada para retornar à Instituição, a convite do Pe. Lázaro de Assis Pinto, para criar, juntamente com colegas colaboradores, o curso de pós-graduação *stricto sensu* em Letras, bem como a pós-graduação *stricto sensu* de modo geral na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. No PPG-Letras, ela esteve na coordenação de 1989 até o ano de 2001. Além disso, foi responsável pela criação de grupos de estudos, ministrou aulas, bem como formou mestres e doutores que tiveram o privilégio de sua companhia.

Recuperar ainda que rapidamente esse percurso<sup>10</sup> de Dona Ângela, sobretudo na PUC Minas, é importante no sentido de que por meio dele podemos compreender como sempre estivemos conectados à professora, ainda que nunca tenhamos participado de suas aulas. Nosso ingresso na PUC Minas aconteceu no ano de 2017, pelo Instituto de Educação Continuada (IEC), no curso de pós-graduação *lato sensu* em Revisão de Textos. No ano seguinte, ainda no IEC, localizado na Praça da Liberdade da capital mineira, cursamos outra pós-graduação, Educação Criativa. Em 2020, já no PPG-Letras, iniciamos o curso de mestrado, na área de concentração Linguística e Língua

---

8 O PREPES foi um Programa de pós-graduação *lato sensu* oferecido no formato modular, com aulas concentradas nos meses de janeiro e julho, que recebia alunos de vários estados brasileiros. Já no ano de 1995, o IEC (Instituto de Educação Continuada) foi fundado na PUC Minas “como resposta às constantes transformações do mercado de trabalho, que intensificam as exigências de formação consistente e de habilidades e conhecimentos específicos para as distintas atividades profissionais”. Disponível em: <https://www.pucminas.br/Pos-Graduacao/IEC/Paginas/apresentacao.aspx>. Acesso em: 1 abr. 2023.

9 Consultamos também o currículo da professora disponibilizado na Plataforma Lattes. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3734720637197188>. Acesso em: 1 abr. 2023.

10 O livro “Textos da memória – a memória dos textos: homenagem à profa. Ângela Vaz Leão” (2015), organizado por José Pereira da Silva e Luciana Marino do Nascimento, dispõe a cronologia acadêmica de Dona Ângela até o ano de 2014. Vale ressaltar que Dona Ângela, mesmo aposentada, continua desenvolvendo atividades de leitura e pesquisa.

Portuguesa e, nesse mesmo Programa, agora em 2023, seguimos no doutorado. Nesse período, Dona Ângela já estava aposentada e, portanto, não tivemos a oportunidade de encontrá-la nos prédios do IEC ou pelos corredores do PPG-Letras. Entretanto, ressoa nesses espaços a solidez de um trabalho de fundação que pode ser apreendido pela qualidade acadêmico-científica e o compromisso social daqueles que neles fazem (ou já fizeram) parte.

De acordo com a teoria da Análise de Discurso, compreendemos que “os sentidos são aves, eles migram; são ‘aves’ ariscas, que não se deixam aprisionar; são ‘aves’ que cantam, seu canto ressoa de diferentes maneiras” (Petri, 2010, p. 25, aspas da autora). Assim como os sentidos, o trabalho de Dona Ângela são aves que migra(ra)m para além dos muros da universidade, são aves que não se intimida(ra)m com fronteiras de nenhuma natureza, são aves que seguem produzindo sentidos porque fazem (e são) sentidos, são aves...

Nessa direção de sentidos, o livro “História de palavras” (Leão, 1961; 2013), em suas duas edições, afetou Verli Petri, professora, pesquisadora e analista de discurso que trabalha com História das Ideias Linguísticas e se dedica aos estudos sobre dicionários, vocabulários<sup>11</sup> e que tem a palavra como o mote de suas reflexões. No texto, “‘História de palavras’ na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa” (Petri, 2018), publicado pela Revista Conexão Letras, a autora fez uma homenagem à Dona Ângela ao dar visibilidade à professora mineira no interior

---

11 “O Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” é um projeto criado e conduzido por Verli Petri, no PALLIND (Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso), da UFSM. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 2 abr. 2023. Recentemente, o *e-book* “Vocabulário da pandemia do novo coronavírus” foi lançado pela Pedro & João Editores. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 2 abr. 2023.

da História das Ideias Linguísticas. Petri refletiu sobre o livro em questão, estabelecendo uma relação entre a edição de 1961 e a de 2013. Como esse movimento, a autora desenhou um gesto analítico bem específico, nomeado por ela de “palavra-puxa-palavra”, discussão que desde então funciona como base para os estudos discursivos que tomam a história de palavras no interior dos dicionários e demais materialidades linguístico-discursivas. Nesse texto, a autora fez duas ponderações importantes. Segundo ela,

a) entendemos que o trabalho de pesquisa de Dona Ângela é anterior a tudo o que conhecemos em História das Ideias Linguísticas no Brasil da atualidade;  
b) e compreendemos que o trabalho de pesquisa desenvolvido por Dona Ângela é bastante diferente do que fazemos hoje em Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas quando nos ocupamos das palavras, da história das palavras, dos dicionários, etc. (Petri, 2018, p. 48).

Ou seja, quando nos debruçamos sobre a história de palavras, não fazemos conforme fez Dona Ângela, mas compreendemos que ao partirmos da discussão idealizada pela pesquisadora mineira, ajustando-a de acordo com a lupa da(s) teoria(s) que nos sustenta(m), conseguimos realizar nossas reflexões sobre a materialidade que nos interessa: a palavra, sobretudo quando ela é mobilizada nos/pelos dicionários. Sobre essa questão, há algum tempo temos nos dedicado aos estudos sobre a palavra, em especial à sua versão dicionarizada, ou seja, os dicionários – objetos discursivos (Nunes, 2006) e instrumentos linguísticos (Aurous, 2014) – que se figuram como o lugar institucional para a palavra, no qual o retoque de (qualquer) sentido é negado, impossível de acontecer. Dito de outro modo, uma vez

dicionarizada, a palavra é revestida por uma capa de sentidos que nega uma possível desestabilização desses sentidos. O efeito de transparência reluz, o que não abre espaço à opacidade que tenta colocar em suspenso os sentidos “estanques”. Dessa forma, é no espaço-dicionário que se confere à palavra um lugar privilegiado, no qual seu guardião é vigilante e rigoroso.

À vista disso, as remissões da palavra no interior do dicionário, a “relação de nunca acabar das palavras com elas mesmas, seja nos espaços de reprodução e repetição de sentidos, seja pela potencialidade na produção e transformação de sentidos” (Petri, 2018, p. 49), nos leva a compreender que o livro “História de palavras” (2013) ocupa um espaço singular de importância em nossas pesquisas. Ele (nos) é, portanto, imprescindível. Diríamos ainda: ele é apaixonante! E “é dessa paixão pelas palavras, pelas línguas, pela história das palavras e das línguas que conhecemos e reconhecemos Ângela Vaz Leão” (Petri, 2018, p. 49).

Vale destacar que a mobilização do texto de Petri que propomos não se dá por uma perspectiva ilustrativa. Trazer à cena o texto “‘História de palavras’ na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa” (Petri, 2018) para refletir sobre o livro da historiadora linguística mineira é o modo que encontramos de agradecer à professora Verli Petri por nos aproximar de Dona Ângela e sua produção, em especial, da “História de palavras”. Dito de outra forma, foi por meio da conexão com o sul do Brasil que nos aproximamos do trabalho da professora de Minas Gerais.

## Nos importa a Revista Scripta: “Vamos aguardar!”

“Vamos aguardar!”. Foram com essas palavras de expectativa que Dona Ângela finalizou o texto “Apresentação” (Leão, 1997), do primeiro número da Revista Scripta, publicado no ano de 1997. Surgia, assim, mais um espaço de constituição, formulação e circulação do conhecimento acadêmico-científico no cenário brasileiro. À vista disso, corroboramos da reflexão de Scherer (2003) pela qual é por meio das revistas científicas que

pesquisadores, grupos de pesquisa, estudantes em pós-graduação e professores universitários mantêm uma ligação entre o que/como se faz em pesquisa e entre teoria e prática. Toda a revista é coletiva por natureza mesmo que pertença a uma só instituição universitária. É o caso da maioria das revistas acadêmicas no Brasil. Estas, quase sempre, são organizadas por intelectuais conhecidos em suas áreas e estes procuram desenvolver seus produtos para uma massa de leitores-consumidores, *sempre visando firmar as necessidades do campo simbólico de seus instrumentos culturais e acadêmicos* (Scherer, 2003, p. 73, grifos nossos).

Acreditamos, então, que dessa necessidade a Revista Scripta foi forjada, “comprometida diretamente com a língua portuguesa e com as literaturas que nela têm expressão, seja na sua individualidade, seja em confronto entre si ou com outras literaturas” (Leão, 1997, n. p.). Com a primeira edição, abria-se espaço para tantas outras publicações que viriam, sendo que “por meio dessas publicações, podemos entender todo um percurso histórico de produção do conhecimento e podemos, igualmente, identificar e descrever a tradição de pesquisa à qual o pesquisador e ou a instituição em que ele está filiado põe em prática o seu fazer” (Scherer; Petri, 2015, p. 17). Dito de outra forma,

passados 26 anos desde a sua inauguração, a Revista Scripta é um importante instrumento pelo qual podemos apreender o “que se produz como ciência e no como esse científico é posto em funcionamento” (Scherer; Petri, 2015, p. 17).

Da perspectiva da História das Ideias Linguísticas, compreendemos que

não se pode prescindir de pensar as práticas científicas das ciências da linguagem hoje sem considerá-las no processo da história das ideias linguísticas e das teorias sobre a linguagem. E ao mesmo tempo saber entender as especificidades destas práticas no momento atual (Guimarães; Orlandi, 2006, p. 07).

Esse entendimento, portanto, aponta para importância de considerarmos o processo histórico das revistas científicas, aqui representadas pela Revista Scripta, pelo qual podemos compreender como se constitui e formula o saber científico, bem como o modo como ele se faz circular. Não pretendemos trazer à baila o processo de divulgação e circulação do conhecimento sobre a *lingua* e a linguagem mobilizado pelas publicações do periódico que elegemos, tal como fizeram competentemente as professoras<sup>12</sup> Amanda Scherer e Verli Petri quando se ocuparam da Revista Organon (Scherer; Petri, 2015). Nosso interesse é outro: trazer à cena a Revista Scripta, ainda que rapidamente, para (de)marcar a relevância desse espaço na produção acadêmico-científica nacional e internacional e, na mesma medida, registrar nosso reconhecimento ao trabalho primordial de Dona Ângela, seja na fundação do periódico, seja na difusão dele.

Ainda no texto “Apresentação” (Leão, 1997), a autora preocupou-se com a tarefa de nomear o periódico. Sobre essa questão, ela esclareceu:

---

<sup>12</sup> Professoras titulares na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Encontra-lhe um título que não coincidissem com os das publicações universitárias já existentes no País e que, ao mesmo tempo, pudesse sugerir de imediato um projeto editorial particular, não foi empresa fácil nem de rápida conclusão. O material já estava pronto, e o nome da revista continuava ainda uma incógnita. Não de entender isso certos pais que, com a criança já feita e acabada, hesitam diante de intermináveis listas de antropônimos, no desejo de dar ao filho um nome de batismo que lhe coloque a identidade a salvo de confusões e, ainda, lhe faça o papel de augúrio para um destino à altura das ambições paternas.

Passado entretanto o trabalho de intuição e de crítica que precede uma escolha dessa natureza, a ideia que fica para todos – donos da revista e donos da criança – reveste-se de obviedade tão grande, que põe à mostra, de um lado, uma espécie de cegueira temporária dos optantes e, de outro, a quase “necessidade” do resultado (Leão, 1997, n. p., aspas da autora).

Tais considerações reforçam, desde sempre, a preocupação da autora com a palavra, ainda que uma espécie de cegueira temporária e a quase necessidade do resultado se impusessem na nomeação do periódico. Aprendemos com Guimarães que “[...] a nomeação é o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome” (Guimarães, 2002, p. 09) e que, portanto, os espaços enunciativos nos quais se dá a nomeação “[...] são espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (Guimarães, 2003, p. 54). E é dessa forma que o nome Scripta “entra em relação com outros nomes na história, constituindo redes de memórias e imbricamentos” (Moreira, 2022, p. 125).

Passada a difícil tarefa de nomear, Dona Ângela nos lembrou que “com seu jeito de feminino singular, Scripta de certo modo camufla uma intenção inicial de neutralidade e pluralidade,

que, entretanto, deverá estar presente em todo o processo de comunicação ora iniciado” (Leão, 1997, n. p.). Sem dúvida, a cada edição da Revista, podemos perceber a pluralidade do conhecimento acadêmico-científico sendo produzida, bem como sendo posta em movimento. Em uma consulta ao arquivo do periódico, num movimento entre Linguística e Literaturas, podemos atestar essa pluralidade quando observamos a variedade das temáticas das edições, os interesses de pesquisas dos organizadores, como também dos autores.

Na Revista n. 7 (2000), organizada por Maria Beatriz Nascimento Decat e Vanda de Oliveira Bittencourt, além do artigo “Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X” (Leão, 2000a), Dona Ângela publicou na seção *Memória*, o texto “Uma década de história da Pós-Graduação em Letras na PUC Minas” (Leão, 2000b) que, ao comemorar os 10 anos de existência do (nosso) Programa, lançou luz ao passado na mesma medida em que projetava o futuro. A autora, finalizou esse texto nos dizendo que

Como se vê, temos um olho voltado para o passado, pois as instituições que não prezam a sua própria história e a grande História onde estão inseridas não sobrevivem. Mas também temos o outro olho voltado para o futuro, pois as instituições que não o encaram de frente estão fadadas a estagnar (Leão, 2000b, p. 169).

Aqui compreendemos a Revista Scripta enquanto essa instituição do saber que possui “papel relevante de institucionalizar uma ideia, uma teoria, até mesmo fazer nascer um novo campo, na medida em que se constitui como um espaço capaz de produzir unidade e dar legitimidade ao que se faz e ao que se produz enquanto conhecimento” (Scherer; Petri, 2015, p. 19); sendo assim, em quase três décadas de existência, a Revista

Scripta se insere no liame da história/História e do futuro ao (nos) colocar questões importantes. Nessa direção, “Vamos aguardar!” mais tantos outros anos de trabalho sério e comprometido com as ciências da linguagem que virão da Revista Scripta “com seu jeito de feminino singular” (Leão, 1997, n. p.).

## **Nos importa a “língua” em publicações na/da Revista Scripta: um percurso de importâncias**

Nos importa a *língua* – uma das paixões de Michel Pêcheux – que “se traduz pelo fato de que *todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes*” (Pêcheux, [1975] 2014, p. 82, grifos do autor). Nessa direção, concordamos com Lima que a partir dessa paixão decorre o entendimento pelo qual o fundador da Análise de Discurso “compreende a língua enquanto lugar material (dotado de sua estrutura morfológica, lexical, sintática e fonológica) movimentado por meio de determinações sócio-históricas ligadas às questões ideológicas” (Lima, 2022, p. 39). Assim, a *língua* é um produto social que transcorre de um trabalho com a linguagem no qual conjugam o histórico e social, sendo, portanto, uma possibilidade de discurso.

Para registrar a diferença sobre o conceito de *língua* na perspectiva discursiva e linguística, recorreremos à Leandro-Ferreira que atesta:

Na visão do lingüista, a língua – enquanto sistema só conhece sua ordem própria, o que vai impedir-lhe de considerar os deslizamentos, lapsos, mal-entendidos como parte integrante da atividade de linguagem. Já o discursivista, como se sabe, acatando a lição de Pêcheux, incorpora tais desvios “problemáticos”, como fatos estruturais incontornáveis e próprios à língua (Leandro-Ferreira, 1999, p. 124-125).

Posto nosso entendimento sobre *língua*, conforme anunciado, inicialmente realizamos um levantamento na Revista Scripta, observando todas as publicações no/do periódico com o objetivo de localizar os textos produzidos por Dona Ângela. A partir desse movimento, produzimos o quadro a seguir no qual consta o título dos textos da autora, a edição e o tema da edição de cada publicação.

### Quadro 1 – Textos de Ângela Vaz Leão publicados na Revista Scripta

<b>Título</b>	<b>Edição</b>	<b>Tema da edição</b>
Literatura Francesa e classes sociais na idade média francesa (séculos XII e XIII)	v. 1, n. 1, (1997)	Scripta 1
Vieira, um estilo de pregar	v. 1, n. 2, (1998)	Belo Horizonte centenária - a cidade e seus escritores
A metalinguagem de Guimarães Rosa	v. 2, n. 3, (1998)	Número especial Guimarães Rosa
A contribuição de Mattoso Câmara Jr. para a historiografia linguística	v. 2, n. 4, (1999)	Scripta 4
A metalinguagem em Garrett	v. 3, n. 5, (1999)	Almeida Garret
Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X	v. 4, n. 7, (2000)	Scripta 7
Língua nacional, falar sertanejo, estilo rosiano	v. 5, n. 10, (2002)	Edição especial II Seminário Internacional Guimarães Rosa - Rotas e roteiros
Magalhães Gomes, físico e humanista	v. 6, n. 11, (2002)	Scripta 11

Henriqueta Lisboa: a poesia transcodificada	v. 6, n. 12, (2003)	Centenário de escritores brasileiros
"A Tigre Negra": uma iluminogravura de Ariano Suassuna	v. 7, n. 13, (2003)	Literatura e outros discursos
O texto: lugar de encontro entre a língua natural e a arte literária	v. 7, n. 14, (2004)	Edição especial do I Simpósio de Língua Portuguesa e Literatura – interseções
A poesia de Yeda Prates Bernis	v. 19, n. 37, (2015)	Literatura e oralidades

**Fonte: Elaborado pelo autor (2023).**

Dos 60 números da Revista, localizamos 12 textos de Dona Ângela. É importante destacar, ainda, que não consideramos nesse levantamento os textos “Apresentação”, presente no primeiro número do periódico, e “Uma década de história da Pós-Graduação em Letras na PUC Minas”, encontrado no sétimo número da Revista, por entendermos que a finalidade desses textos é outra. Em razão do nosso objetivo, assumimos como critério a seleção de escritos nos quais há o comparecimento da palavra *língua*, seja no título, seja no resumo em Língua Portuguesa. Com isso, retiramos oito textos de Dona Ângela por não atenderem ao critério que estabelecemos e, em seguida, organizamos o Quadro 2, no qual sinalizamos quais textos seguiram em nosso arquivo.

## Quadro 2 – Comparcimento da palavra *língua*

Comparcimento da palavra <i>língua</i> no título dos artigos	Comparcimento da palavra <i>língua</i> no resumo dos artigos
	Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X
Língua nacional, falar sertanejo, estilo rosiano	
	Henriqueta Lisboa: a poesia transcodificada
O texto: lugar de encontro entre a língua natural e a arte literária	O texto: lugar de encontro entre a língua natural e a arte literária

**Fonte: Elaborado pelo autor (2023).**

Conforme observa-se no Quadro 2, a palavra que elegemos compareceu de forma distinta, duas vezes no título e três vezes no resumo dos artigos, sendo o escrito “O texto: lugar de encontro entre a língua natural e a arte literária” (Leão, 2004) o único a figurar os dois lugares. A partir desse quadro, então, organizamos as sequências discursivas (SD<sup>13</sup>) nas quais há o comparecimento da palavra em observação, a saber:

**SD1:** *Língua* nacional, falar sertanejo, estilo rosiano

**SD2:** O texto: lugar de encontro entre a *língua* natural e a arte literária

**SD3:** Após uma breve referência a estudos já realizados sobre a linguagem das Cantigas de Santa Maria, de D. Afonso X, o trabalho tenta explicar o uso do galego-português pelo monarca castelhano, procurando caracterizar a *língua* e o estilo afonsino por seus traços gerais e destacando três das suas estruturas sintáticas mais salientes: a cliticização, o anacoluto e o hipérbato.

<sup>13</sup> Mobilizamos a noção de sequências discursivas enquanto “[...] sequências linguísticas nucleares, cujas realizações representam, no fio do discurso (ou intradiscurso), o retorno da memória (a repetibilidade que sustenta o interdiscurso)” (Mariani, 1996, p. 53).

**SD4:** Este trabalho tem por objeto a obra poética de Henriqueta Lisboa já traduzida para outras *línguas*. Após algumas considerações sobre a dificuldade da tradução de poemas, principalmente quando se trata de traduzir de uma *língua* moderna para o latim, o trabalho analisa a excelente tradução latina de Montanha viva – Caraça, feita por Sarnelius et Laurentius (Pedro Sarneel e José Lourenço de Oliveira). Por sua qualidade, essa tradução está à altura do original.

**SD5:** Considerando o texto literário como o lugar de encontro entre a *língua* natural e a arte verbal, este trabalho faz uma análise estilística de um poema de Carlos Drummond de Andrade, “Festa no brejo”, publicado em *Alguma poesia* (1930). Descodificando as metáforas e interpretando os valores conotativos dos significantes em função do momento da criação do poema, a análise procura fazer uma leitura não só do enunciado mas também da enunciação, de modo a construir uma alegoria de sentido político historicamente datada.

Se, por um lado, sabemos que as questões da/sobre a *língua* sempre foram caras à Dona Ângela, e essa afirmação pode ser feita se considerarmos, por exemplo, sua tese de livre-docência, “A estilística: tentativa de conceituação e de aplicação a alguns fatos da língua”, defendida em 1959 na Universidade Federal de Minas Gerais; por outro lado, entendemos que não tratamos de *língua* sob a mesma perspectiva da pesquisadora mineira, entretanto, buscamos neste estudo apreender os sentidos possíveis que decorrem da mobilização dessa palavra nos textos de Dona Ângela. Sendo assim, consideramos que do nosso lugar de analista de discurso,

tomar uma palavra para análise exige considerar essa palavra em discurso, em movimento junto com outras palavras, sendo pronunciada por um sujeito – formuladas em determinadas condições de produção

do discurso – que (inconscientemente) utilizou essa palavra e movimentou os sentidos que dela decorrem (Guasso, 2020, p. 200).

Posto isso, passamos à **SD1**, na qual a adjetivação “nacional”, atribuída à *língua*, nos remete às interrogações propostas por Pfeiffer (2001, p. 167): “Qual é a língua que falamos, de que modo a falamos, de que modo a escrevemos, quem fala esta língua e quem se apaga nas outras línguas que não são descritas?”. A autora problematizou os sentidos que foram sendo construídos, a partir da segunda metade do século XIX até o começo do século XX, para a *língua* nacional brasileira de modo a apreender os eixos enunciativos localizados “em uma relação de tensão, estabilizando e desestabilizando sentidos de modo a produzir na ambiguidade, no deslize, uma unidade linguística brasileira”. (Pfeiffer, 2001, p. 182).

Em outras palavras, o processo de organização social em torno de uma unidade identitária busca por uma unidade, ou seja, um fundamento linguístico pelo qual o processo de validação de uma *língua* resulta no apagamento de outras línguas, sendo que a *língua* não apagada – a nacional – se configura “como um lugar de memória, e como tal, [...] vai da superabundância à falta, no que diz respeito à extensão de sua significação” (Dias, 2001, p. 1997). Logo, pensar n(um)a *língua* nacional pode implicar, conforme propõe o título do escrito de Dona Ângela (2002), na relação intrínseca com o falar e com o estilo (nesse caso, o rosiano) para, então, “fazer o levantamento e a análise de alguns fatos estilísticos” (Leão, 2002, p. 65).

De acordo com nosso gesto de leitura, nas **SD2** e **SD5**, advindas do mesmo artigo, “O texto: lugar de encontro entre a língua natural e a arte literária” (Leão, 2004), a adjetivação

“natural” propõe o sentido de nativo à *língua*, uma vez que o texto – literário – resulta do encontro e, conseqüentemente, da permeabilidade da *língua* na arte verbal/literária e vice-versa. Ainda de acordo com esse entendimento, a autora realizou esse movimento para fazer uma análise estilística do poema drummondiano “Festa no brejo”. Percebe-se ainda uma postura militante da autora ao defender a disciplina Estilística que, segundo ela, além de pouco valorizada, “se acha ausente dos currículos de Letras, a menos que esteja implícita em algum item do programa de outras disciplinas de teoria lingüística ou literária” (Leão, 2004, p. 23).

Adiante, “caracterizar a *língua*”, presente na **SD3**, mobiliza sentido de possibilidade, ou seja, como o uso de uma *língua* – nesse caso, o galego-português – realizado por D. Afonso X, monarca castelhano, pode caracterizar essa mesma *língua*. Essa compreensão é defendida pela autora quando ela traz à cena a metáfora da colcha de retalhos que, para além de um mero mosaico, “configura aqui uma sincronia lingüístico-literária determinada, ou melhor, uma das muitas sincronias que, superpostas, constituem a história da língua literária” (Leão, 2000a, p. 11).

Por fim, na **SD4**, compreendemos que no enunciado “traduzida para outras *línguas*” a palavra em questão pode ser substituída por idioma. Por sua vez, em “de uma *língua* moderna para o latim”, o adjetivo “moderna” coloca a *língua* em oposição ao *latim* dadas as questões de temporalidade quando assumidas pelo exercício da tradução, pensadas a partir da poesia de Henriqueta Lisboa e das traduções que ela realizou.

Seja pelo sentido de nacionalidade, naturalidade, possibilidade, idioma ou oposição, o fato é que esses (e tantos

outros) sentidos mobilizados pela palavra *língua* vão construindo camadas discursivas nas/pelas quais a história dessa palavra no interior da língua vai sendo tecida. À vista disso, concordamos com Michel Pêcheux que nosso olhar para o funcionamento discursivo da palavra que elegemos “não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito [...]” (Pêcheux, 2011, p. 291, aspas do autor).

### **Também importa finalizar...**

Nosso objetivo neste texto consistiu na análise do funcionamento da palavra *língua* a partir de publicações na/da Revista Scripta para, então, propor a história dessa palavra no periódico em questão, o que resultou: i) na consulta ao *site* da Revista a fim de localizar todos os textos produzidos por Ângela Vaz Leão, considerando desde a primeira publicação, realizada no ano de 1997, até a última publicação; ii) na seleção dos textos reunidos a partir dos critérios: comparecimento da palavra *língua* no título dos artigos e comparecimento dessa palavra no resumo dos escritos, possibilitando, assim, a construção dos nossos gestos interpretativos. Após esse movimento, apontamos algumas direções de sentido à medida em que a palavra em observação foi posta em circulação, o que configurou a história da palavra *língua*. Se por um lado, esse trabalho, assim como todos aqueles que se propõem a realizar levantamentos, incorre do risco dada a possibilidade de deixar de fora algum escrito de Dona Ângela, por outro, compreende a importância de tal risco em razão da relevância de fazer o levantamento.

Ao lado disso, nos arriscamos na difícil e prazerosa tarefa de homenagear Ângela Vaz Leão, ao refletir sobre sua “História de palavras” na História das Ideias Linguísticas (Orlandi, 2001). Em 1º de outubro do ano de 2023, Dona Ângela completa seus 101 anos de vida, e dada a grandiosidade do seu trabalho, fica o nosso compromisso em seguir estudando-a e produzindo tantos outros gestos de interpretação a partir de seus estudos.

Por fim, entendemos que ao “produzir um efeito de fechamento para este artigo, lembrando que ele é apenas uma singela homenagem e um modo de firmar compromisso com o dever” (Petri, 2018, p. 57), toda e qualquer homenagem não dá(rá) conta de traduzir o que (nos) representa Ângela Vaz Leão.

## Referências

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

DIAS, Luiz Francisco. O nome da língua no Brasil: uma questão polêmica. In: ORLANDI, Eni. (org.). *História das ideias linguísticas no Brasil: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

GUASSO, Kelly Fernanda da Silva. “Conhecimento”: na língua, no dicionário, no discurso. In: PETRI, Verli *et al.* *Dicionários em análise: palavra, língua, discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020. p. 193-210.

GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaço de enunciação:

um encontro político no cotidiano. *Revista Letras*, Santa Maria, n. 26, p. 53-61, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11880>. Acesso em: 20 abr. 2023.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES; Eduardo; ORLANDI, Eni. O conhecimento sobre a linguagem. In: NUNES, José Horta; PFEIFFER, Claudia Regina. Castellanos. (org.). *Introdução às Ciências da Linguagem – linguagem, história e conhecimento*. Campinas: Pontes, 2006.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. *Revista Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 2, n. 1, jan. 1999. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/rle/article/view/15495/0>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. Apresentação. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 7-9, 1997. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10138>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. *História de palavras*. Belo Horizonte: Editora da UMG, 1961.

LEÃO, Ângela Vaz. *História de palavras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013. 216 p.

LEÃO, Ângela Vaz. Uma década de história da Pós-Graduação em Letras na PUC Minas. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 161-169, 2000b. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10383>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LIMA, Heitor Pereira de. *Análise de Discurso à mineira*: o funcionamento do dispositivo teórico-metodológico da AD em teses, da área de Letras, produzidas em Minas Gerais. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade

Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras\\_HeitorPereiraDeLima\\_29632\\_Textocompleto.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_HeitorPereiraDeLima_29632_Textocompleto.pdf). Acesso em: 15 abr. 2023.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30\\_1ce92dfeed19c6794328ed76a88425f8](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_1ce92dfeed19c6794328ed76a88425f8). Acesso em: 19 mar. 2023.

MOREIRA, José Carlos. *História, memória e designação na/da língua: institucionalização do curso de francês na UFPR (de 1938 a 2020)*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/handle/1884/80063>. Acesso em: 20 abr. 2023.

NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, Eni. (org.). *História das ideias linguísticas no Brasil: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. In: PÊCHEUX, Michel. *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos selecionados por Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 283-294.

PETRI, Verli. “História de palavras” na história das ideias linguísticas: para ensinar língua portuguesa e para desenvolver um projeto de pesquisa. *Conexão Letras*, v. 13, n. 19, p. 47-

58, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/85032>. Acesso em: 15 fev. 2023.

PETRI, Verli. *Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos*. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2010.

PFEIFFER, Claudia Castellanos. A língua nacional no espaço das polêmicas do século XIX/XX. In: ORLANDI, Eni. (org.). *História das ideias linguísticas no Brasil: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Campinas, SP: Pontes; Cáceres, MT: Unemat Editora, 2001.

SCHERER, Amanda. A História e a memória na constituição do discurso da Linguística Aplicada no Brasil. In: Maria José Coracini; Ernesto Sergio Bertoldo. (org.). *O desejo da teoria e a contingência da prática: discurso sobre/na sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 61-84.

SCHERER, Amanda; PETRI, Verli. Organon: entre a história e a memória no institucional acadêmico-científico do sul do Brasil. *Organon*, Porto Alegre, v. 30, n. 59, p. 15-39, jul/dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/organon/article/view/57091>. Acesso em: 2 abr. 2023.

## **Textos consultados de Ângela Vaz Leão**

LEÃO, Ângela Vaz. Literatura Francesa e classes sociais na idade média francesa (séculos XII e XIII). *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 13-25, 1997. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10139>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. Vieira, um estilo de pregar. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 157-167, 1998. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10193>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. A metalinguagem de Guimarães Rosa. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 25-32, 1998. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10215>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. A contribuição de Mattoso Câmara Jr. para a historiografia linguística. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 160-170, 1999. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10284>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. A metalinguagem em Garrett. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 9-18, 1999. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10291>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. Questões de linguagem nas Cantigas de Santa Maria, de Afonso X. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 11-24, 2000a. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10371>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. Língua nacional, falar sertanejo, estilo rosiano. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 66-77, 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12384>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. Magalhães Gomes, físico e humanista. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 203-207, 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12460>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. Henriqueta Lisboa: a poesia transcodificada. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, p. 13-26, 2003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12465>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. “A Tigre Negra”: uma iluminogravura de Ariano Suassuna. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 13,

p. 13-24, 2003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12501>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. O texto: lugar de encontro entre a língua natural e a arte literária. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 23-32, 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12539>. Acesso em: 1 jan. 2023.

LEÃO, Ângela Vaz. A poesia de Yeda Prates Bernis. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 19, n. 37, p. 267-290, 2015. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2015v19n37p269/9673>. Acesso em: 1 jan. 2023.

Anexo 1

# LITERATURA SCRIPTA

Revista do Programa de  
Pós-graduação em Letras, e  
do Centro de Estudos  
Luso-afro-brasileiros da PUC Minas

13

A. de @

69-25  
11-8-1984

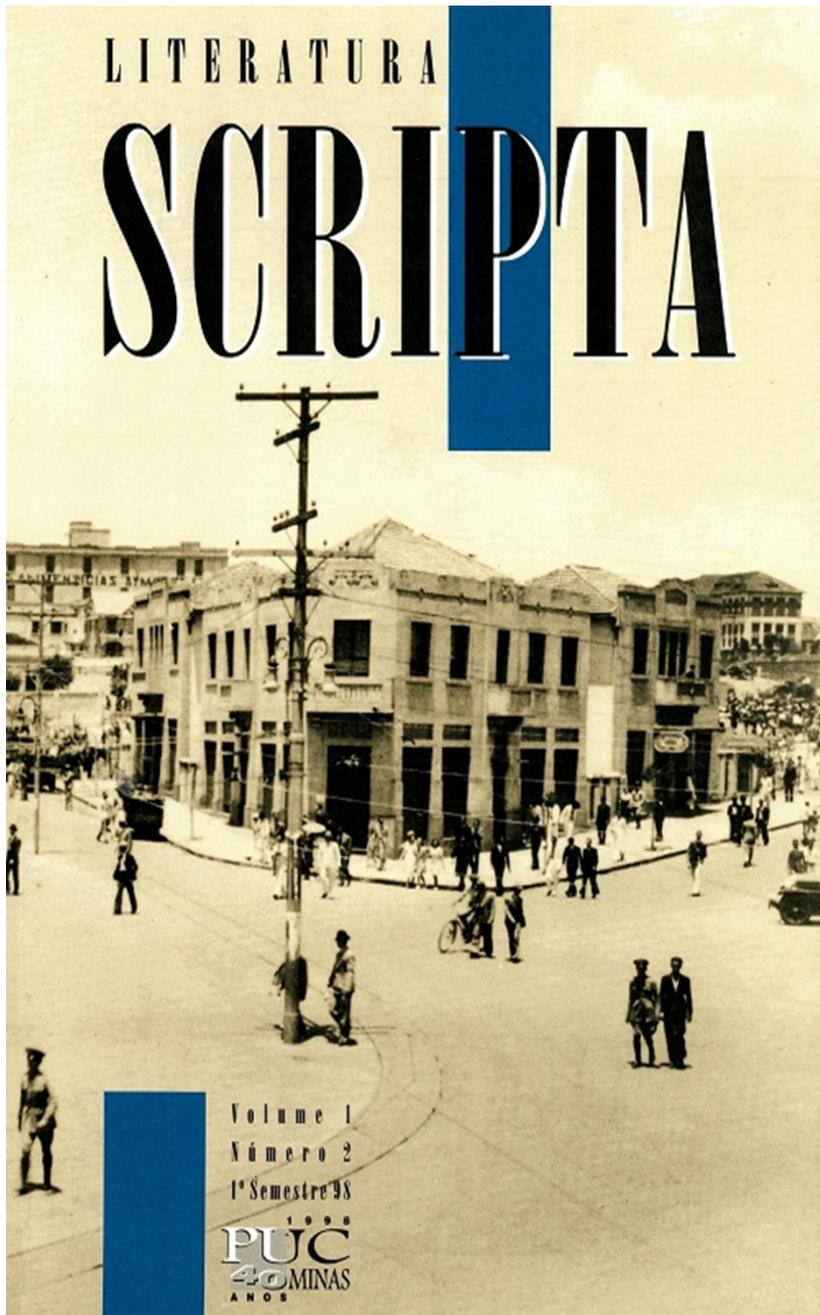
Depois a máscara e vi-me ao espelho...  
Era a imagem de quem eu sou...  
Pra tribo humana nada...  
É só a vontade de saber tudo a máscara.  
É só a vontade de vencer,  
O presente pra fazer,  
A imagem,  
Depois a máscara e tornei-me a pró-a.  
Amor e o outro,  
Amor em a máscara,  
É volto a normalidade como a um luminoso

p. 60

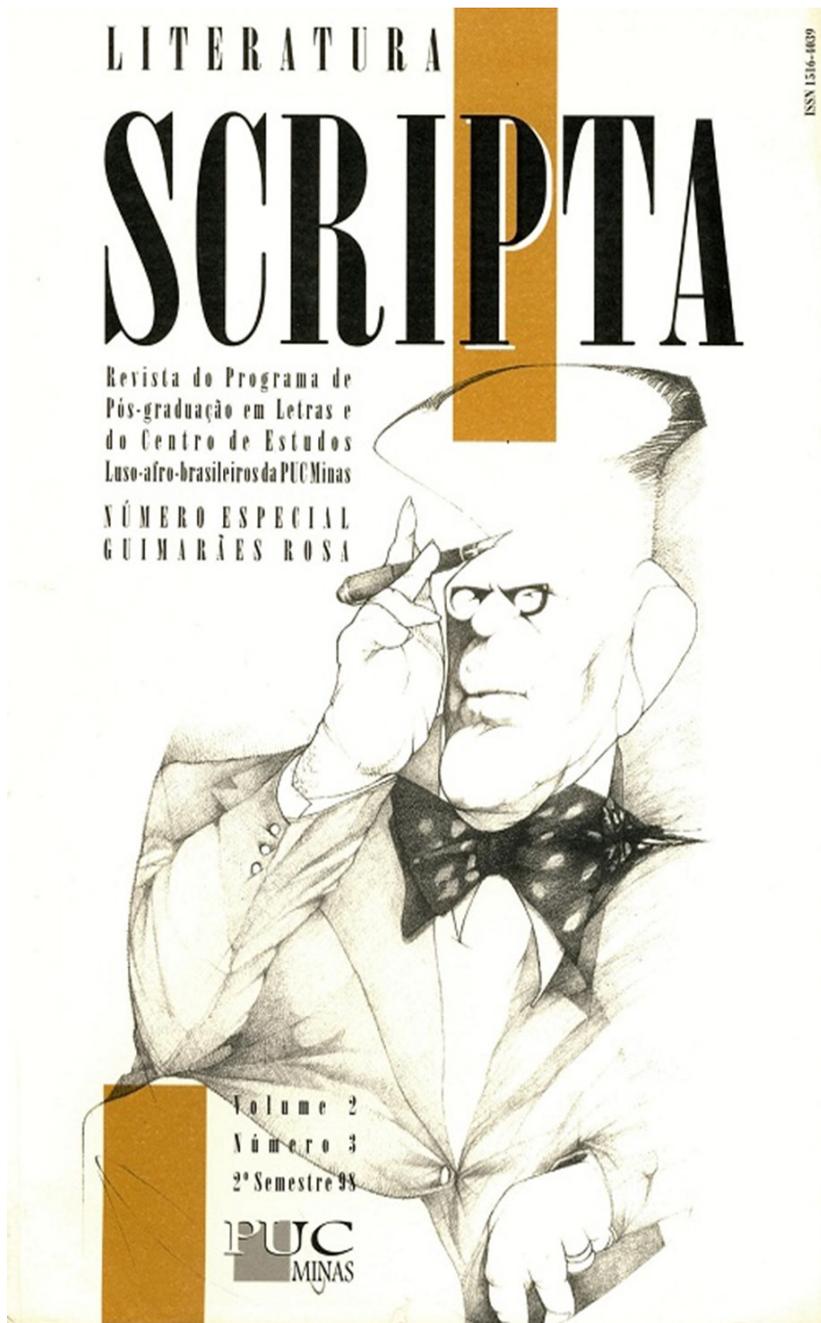
luminoso  
Dr. Leão

Volume 1  
Número 1  
2º Semestre 97  
PUC  
MINAS

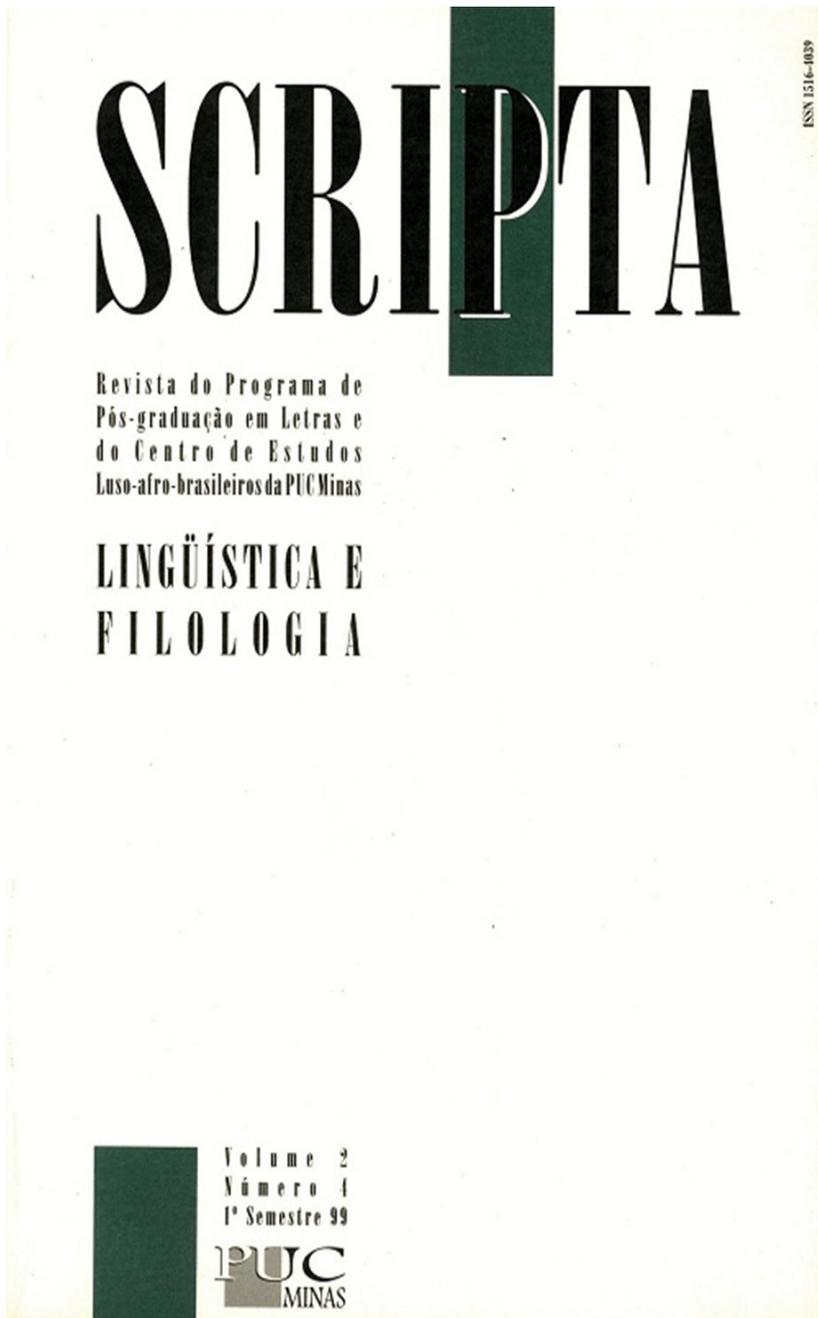
Anexo 2



Anexo 3



Anexo 4

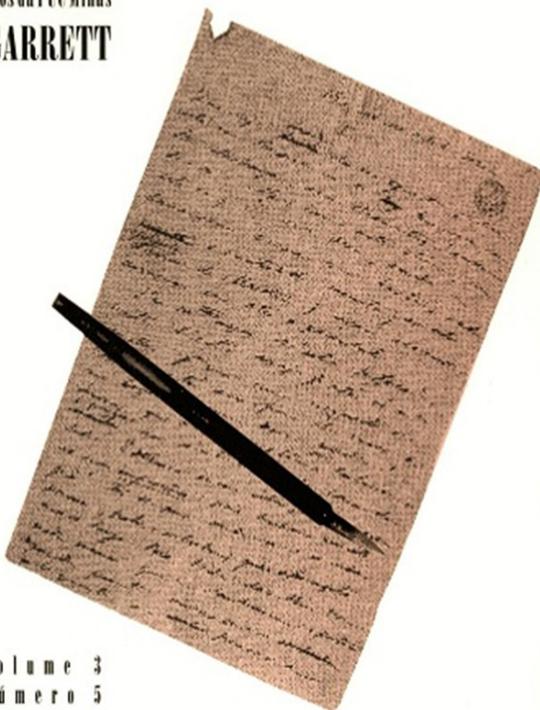


Anexo 5

L I T E R A T U R A  
**SCRIPTA**

ISSN 1516-4019

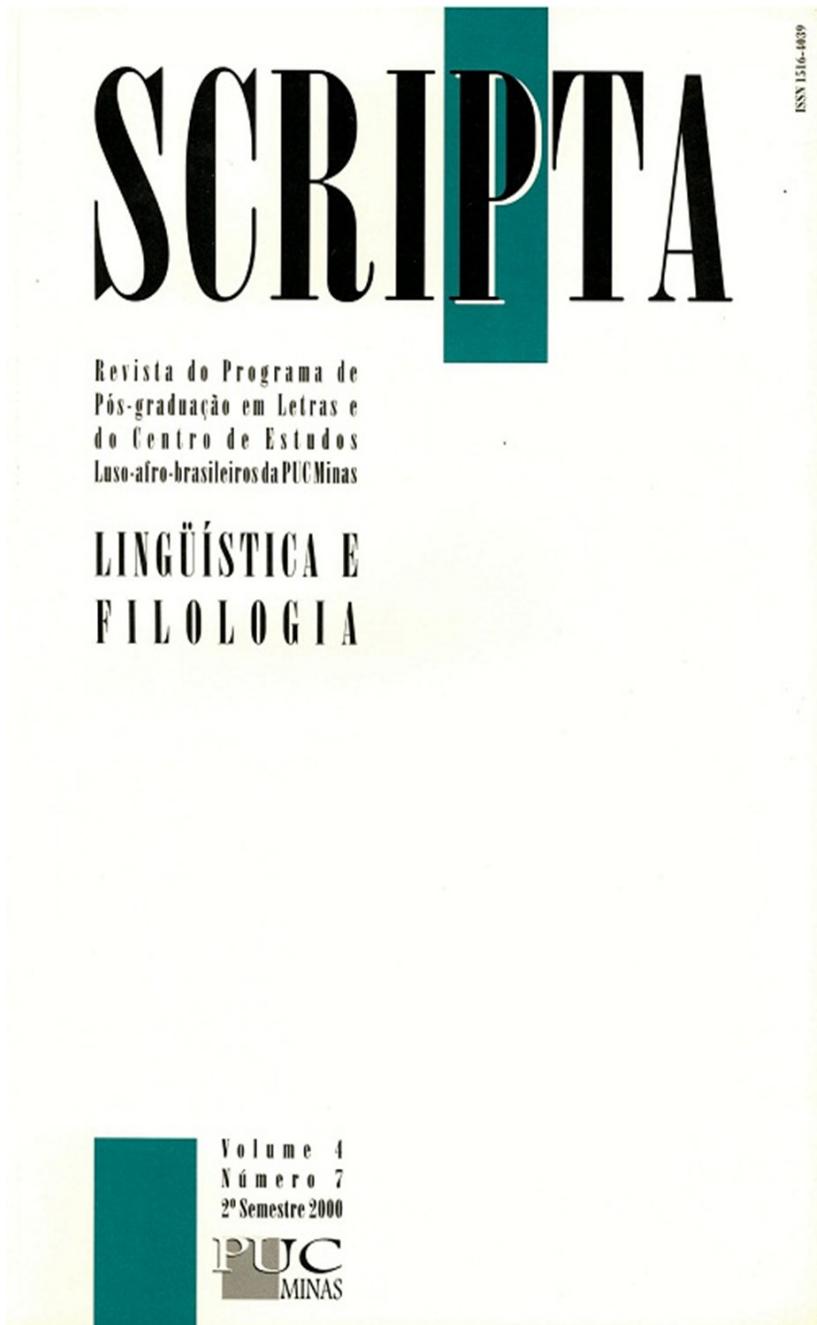
Revista do Programa de  
Pós-graduação em Letras e  
do Centro de Estudos  
Luso-afro-brasileiros da PUC Minas  
**ALMEIDA GARRETT**



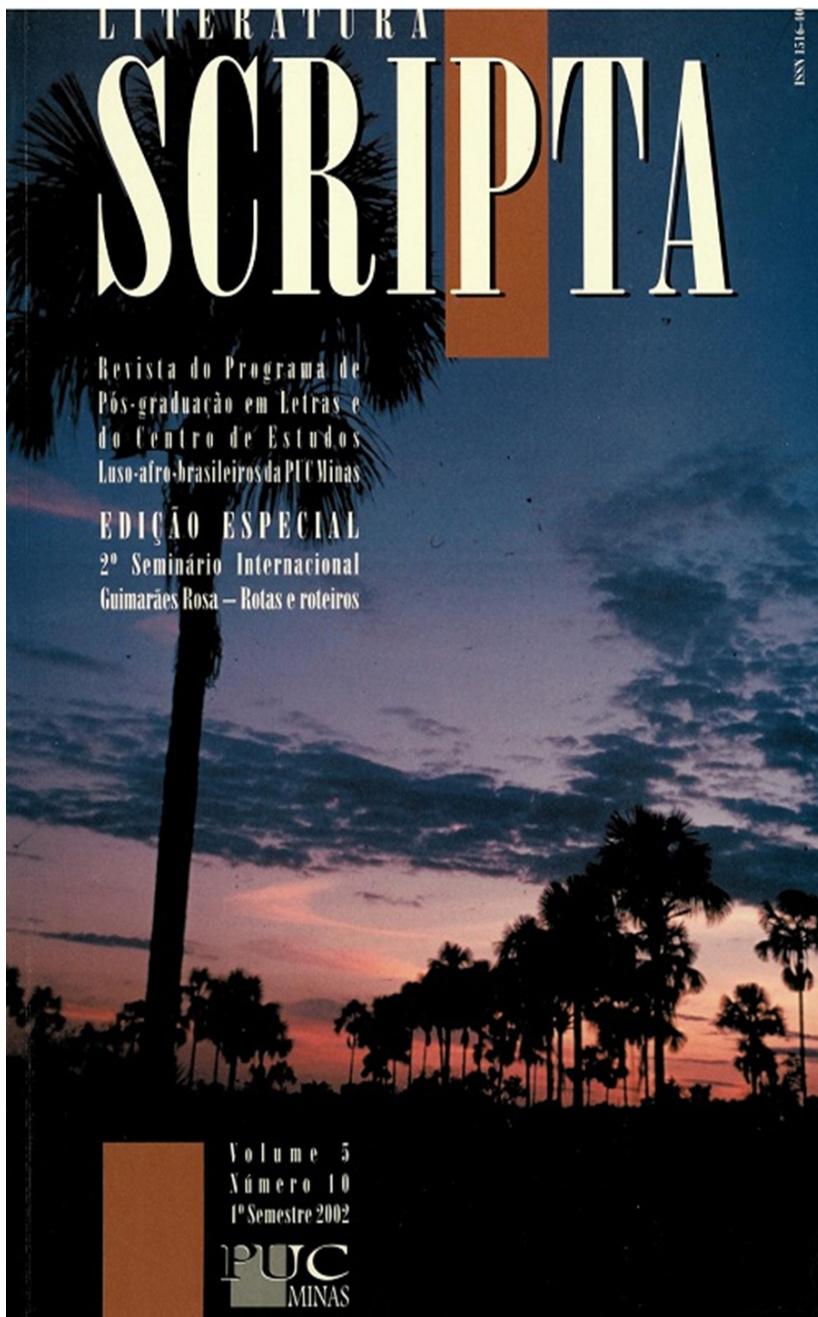
Volume 3  
Número 5  
2º Semestre 99

**PUC**  
MINAS

Anexo 6



Anexo 7



Anexo 8

# SCRIPTA

ISSN 1514-4639

Revista do Programa de  
Pós-graduação em Letras e  
do Centro de Estudos  
Luso-afro-brasileiros da PUC Minas

LINGÜÍSTICA E  
FILOLOGIA

Volume 6  
Número 11  
2º Semestre 2002

PUC  
MINAS

Anexo 9

L I T E R A T U R A  
S C R I P T A

ISSN 1516-4039

Revista do Programa de  
Pós-graduação em Letras e  
do Centro de Estudos  
Luso-afro-brasileiros da PUC Minas



Volume 6  
Número 12  
1º Semestre 2003

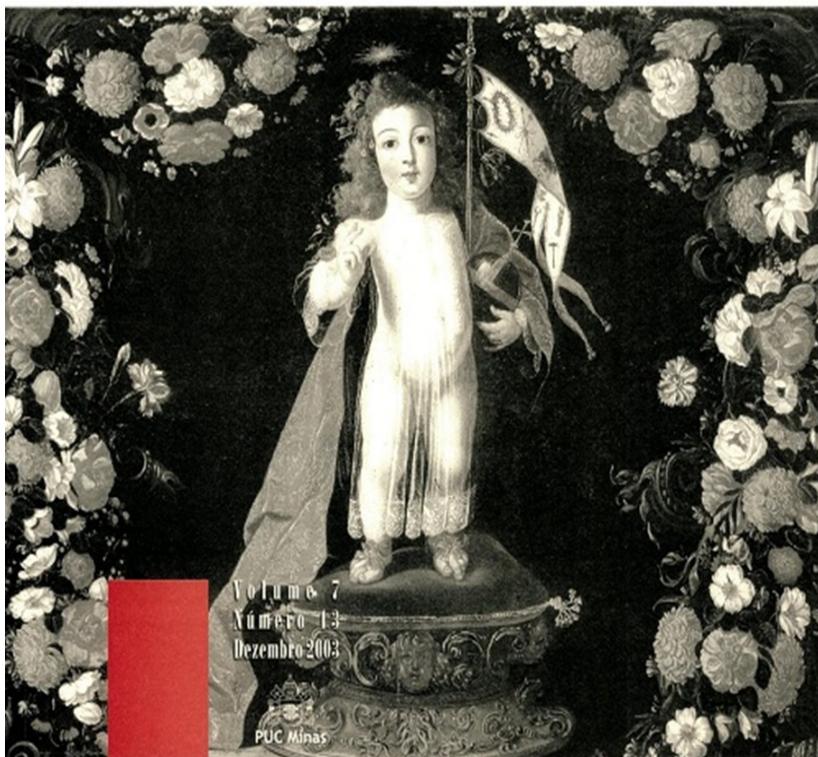


Anexo 10

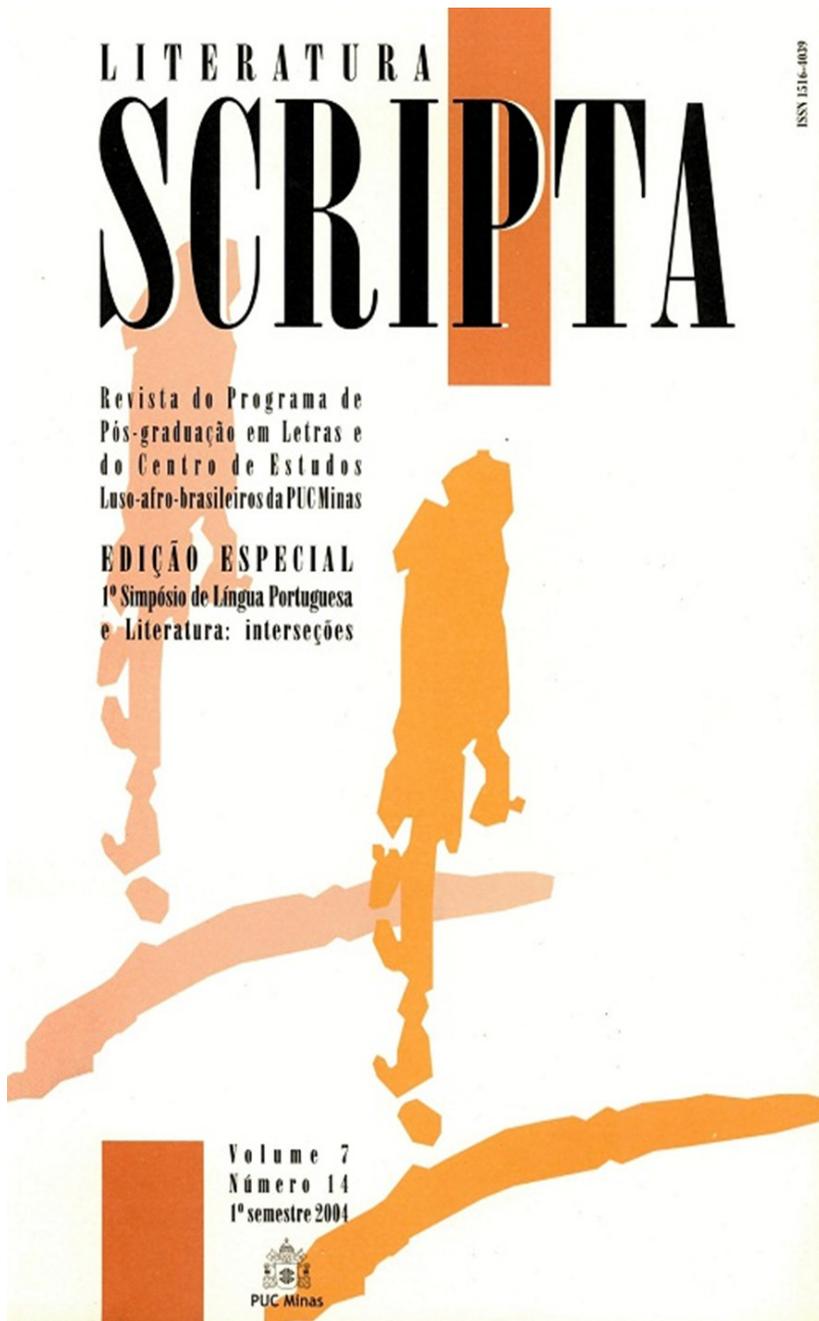
L I T E R A T U R A  
S C R I P T A

ISSN 1516-4039

Revista do Programa de  
Pós-graduação em Letras e  
do Centro de Estudos  
Luso-afro-brasileiros da PUC Minas



Anexo 11



Anexo 12

